



70% dos jovens entre os 15 e os 24 anos admitem ir para o estrangeiro

Estudo encomendado por Cavaco revela expectativas baixas da juventude em relação ao futuro próximo no país. A maioria dos jovens está disponível para emigrar e desinteressada da política

Presidência
Maria João Lopes

O estudo apresentado ontem na Fundação Champalimaud, em Lisboa, dá pouca esperança às preocupações que o Presidente da República expressou, na abertura da IV Conferência Internacional Portugal e os Jovens, Novos Rumos, Outra Esperança. Cavaco Silva quer que os jovens regressem ao país e está apreensivo com o afastamento que mostram em relação à política. O que os números evidenciam é que a maioria dos jovens não se interessa “nada” por política e está aberta, de alguma forma, à possibilidade de trabalhar no estrangeiro.

Encomendado pela Presidência da República, o estudo chama-se *Emprego, Mobilidade, Política e Lazer: situações e atitudes dos jovens portugueses numa perspectiva comparada*, e é de Mariana Costa Lobo, Vítor Sérgio Ferreira e Jussara Rowland (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa). Nele pode ler-se que “a proporção de indivíduos que declaram considerar a hipótese de vir a trabalhar no estrangeiro no futuro é maior entre os jovens e jovens adultos do que nos restantes grupos etários”: “Se tivermos em conta os jovens que consideram a ideia de vir a trabalhar no estrangeiro e os que, apesar de não considerarem a ideia, não a excluem, pode concluir-se que cerca de 70% dos jovens entre 15 e 24 anos estão de alguma forma abertos à hipótese de virem a ter uma experiência laboral fora de Portugal.” O número inclui aqueles que respondem “sim” à hipótese de vir a trabalhar no estrangeiro no futuro (53,1%) e aqueles que não excluem essa hipótese – 16,1% não sabem.

São os jovens filhos de pais mais escolarizados e os que já frequentaram uma universidade num país da União Europeia os que mais declaram estar abertos à hipótese de trabalhar no estrangeiro. As razões que levariam os jovens a ter uma experiência laboral no estrangeiro são sobretudo melhores oportunidades de emprego e de condições de trabalho. “Os jovens dos 15 aos 24 anos, na sua maioria ainda em fase de formação, distinguem-se por serem o grupo etário que mais aponta motivações relacionadas com o seu desenvolvimento



Desinteressados da política e pouco crentes no futuro do país, assim são os jovens portugueses em 2015

Cavaco pede esforços para que jovens regressem “agora” ao país

Presidente sublinha “independência perante as controvérsias” políticas

“Como dizia Florbela Espanca, as palavras são como as cantigas: levadas o vento”. Foi com esta citação que o Presidente da República abriu a IV Conferência Internacional Portugal e os Jovens, Novos Rumos, Outra Esperança, para defender que os jovens precisam de “respostas concretas” e não de “meras palavras” para resolver os seus problemas. “Portugal não pode desperdiçar o imenso capital humano dos seus jovens”, disse, defendendo que é necessário “fazer um esforço acrescido” para que regressem a Portugal.

“É essencial criarmos condições para atrair aqueles que, por diversos motivos, optaram por fixar-se no estrangeiro”, afirmou Cavaco Silva na Fundação Champalimaud. Para o Presidente da República, “é

agora, em que os laços com o seu país ainda se mantêm vivos, que devemos fazer um esforço acrescido” para que regressem. Até porque, sublinhou, se nada for feito, “o país perderá duplamente: por um lado, perde o investimento feito na formação de uma geração de excelência; por outro lado, perde o contributo desses jovens para, com o seu talento e a sua iniciativa, ajudarem Portugal a regressar a uma trajetória sustentável de crescimento económico e de criação de emprego e riqueza”.

O Presidente da República sublinhou ainda que, apesar de ser a geração “mais qualificada” de sempre, é também aquela que enfrenta os “grandes desafios”: “Os jovens do nosso tempo terão de lidar com a incerteza de uma forma que não conhecemos no passado. À incerteza e à

insegurança quanto ao futuro alia-se a decisão sobre onde trabalhar e fazer frutificar o seu talento, em Portugal ou no estrangeiro”, afirmou. No seu discurso, fez também questão de sublinhar a “independência” que o Presidente da República deve manter “perante as controvérsias que marcam o quotidiano da luta política, as quais têm um tempo e um lugar próprios em todas as democracias, mas que correm o risco de concentrar-se em aspectos acessórios ou efémeros da realidade, perdendo de vista uma abordagem serena e desapassionada das questões que irão verdadeiramente condicionar as novas gerações e o futuro de Portugal”. Cavaco mostrou-se ainda preocupado com “o actual estado de afastamento da juventude portuguesa em relação à vida colectiva do seu país”. **M.J.L.**

pessoal, nomeadamente a nível da aquisição de novas competências, na acumulação de novas experiências e ampliação das suas redes de solidariedade”, lê-se.

Os dados também permitem perceber que os jovens portugueses estão mais insatisfeitos agora com a democracia do que em 2007 – em 2015, 17,3% consideram que a democracia funciona “bem”; em 2007 a percentagem era 33,8. Além disso, em 2015, 57,3% dos jovens entre os 15 e os 24 não se interessam “nada” por política – em 2007 eram apenas 23,5%. Os jovens estão pouco esperançados em relação ao futuro próximo em Portugal. Confrontados com a frase “daqui a dois anos, a crise terá terminado e a situação do emprego em Portugal será melhor do que hoje”, a maioria discordou – 60,8% entre os 15 e os 24 e 66,5% entre os 25 e os 34. Destaca-se ainda que uma parte considerável dos jovens nunca viajou de férias para o estrangeiro (60,6% entre os 15 e 24 anos e 53,3% entre 25 e 34).

Segundo o estudo, a proporção de jovens sem trabalho há mais de um ano é “muito significativa”. Entre os inquiridos, dos 15 aos 24 anos, 38,2% estão sem emprego há mais de um ano; entre os 25 e os 34 anos a percentagem chega aos 52,8%. O estudo ressalva, no entanto, que o desemprego de longa duração tem valores “inexpressivos” nos jovens com formação superior. E que estabilidade e segurança são os factores mais valorizados no que toca ao trabalho, com percentagens a ultrapassarem os 80% em todas as idades. O inquérito foi realizado entre 6 e 17 de Março e o universo incluiu indivíduos com 15 anos e mais. A amostra total incluiu 1612 entrevistas.

O economista e coordenador do cenário macroeconómico do PS, Mário Centeno, considerou que “é a formação que permite aos jovens ultrapassarem os desafios no mercado de trabalho”. Defendeu que é necessário “valorizar o retorno aos investimentos em educação no contexto nacional”; “garantir às famílias as condições de financiamento do ensino” e “estimular o emprego, aumentando as contratações”. Já a presidente da Fundação Champalimaud, Leonor Beleza, afirmou que Portugal tem as condições para ser “um dos mais atractivos” países para os jovens, mas é preciso saber como os atrair.



Emigrar é hipótese admitida por 70% dos jovens dos 15 aos 24

Estudo encomendado por Cavaco revela expectativas baixas da juventude em relação ao futuro próximo no país. A maioria está disponível para emigrar p4
